
UM ESTUDO SOBRE A SACRALIDADE: O CASO MONTE HOREBE (MORRO DA GAMELA)

A STUDY ON SACREDNESS: THE CASE MONTE HOREBE (MORRO DA GAMELA)

Maicon Lemos Sathler

Mestre em Geografia – Universidade Federal do Espírito Santo
Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá .
maicon.sathler@ifap.edu.br

Elvis Reis de Oliveira

Mestre em Geografia – Universidade Federal do Espírito Santo
Professor da rede municipal da cidade de Serra – ES
elvisgeoufes@gmail.com

Hudson Lima Moreira

Graduado em Geografia – Universidade Federal do Espírito Santo
Professor da rede estadual do Estado do ES.
HUDSONLIMAMOR@HOTMAIL.COM

Resumo

O presente artigo buscou através de pesquisa bibliográfica, entrevistas, depoimentos e trabalho de campo, evidenciar como um afloramento rochoso localizado em uma área de grande fluxo no município de Vitória – ES, tornou-se um lugar de peregrinação religiosa, descrito principalmente no contexto da manifestação do sagrado (hierofania). Para isso, o trabalho apresenta imagens, gráficos e foi dividido na contextualização histórica, na aplicação de questionários e inserção de depoimentos por parte dos que procuram o local, para que pudéssemos compreender a dinâmica do deslocamento dos fieis para o Morro da Gamela/Monte Horebe.

Palavras-chave: Peregrinação; Hierofania; Lugar Sagrado e Sacralização.

Abstract

This article sought, through bibliographic research, interviews, testimonies and fieldwork, to evidence how a rocky outcrop located in an area of great flow in the city of Vitória - ES, became a place of religious pilgrimage, described mainly in the context of the manifestation of the sacred (hierophany). For this, the work presents images, graphics and was divided into historical context, in the application of questionnaires and insertion of testimonies by those who seek the place, so that we could understand the dynamics of the displacement of the faithful to Morro da Gamela / Monte Horebe .

Keywords: Pilgrimage; Hierophany; Sacred Place and Sacralization.

INTRODUÇÃO

A motivação da abordagem que se inicia neste artigo surge a partir da observação das construções teóricas discutidas durante a época da dissertação de mestrado, aliadas às experiências neste período em que nos foi possível acompanhar os peregrinos em sua busca pela manifestação do sagrado traduzido pelos seus momentos de hierofania no Monte Horebe.

As definições e os estudos do Espaço Sagrado são de grande importância para o pensar geográfico, pois, inter-relaciona os conceitos de lugar, espaço, paisagem e território, tais relações fomentam nossa tentativa de compreender como a ação humana, sua espiritualidade e exercício de sua fé no espaço do Parque Municipal Morro da Gamela, transfigurado em um simulacro do Monte Horebe, se transformou em uma possibilidade de territorialização de grupos religiosos.

Seguindo nessa linha de discussão e sempre atentos para evitar riscos de distanciamento das referências teóricas que são sustentáculos fundamentais para nosso trabalho, no decorrer deste capítulo buscamos retomar os conceitos chave da pesquisa sempre em consonância com aporte de trabalho de campo, objetivando assim, propor os constituintes que transfiguram o Morro da Gamela como Monte Horebe e o tornam um espaço sagrado.



Figura 1 - Chegada e subida de peregrinos no Monte Horebe. Sathler, 2019.

ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Por mais complexo e impossível que seja alcançar toda a complexidade do fenômeno religioso e seus desdobramentos, nos propusemos a acompanhar alguns dos peregrinos que se envolvem no processo de manifestação do sagrado no território do Morro da Gamela transfigurado em Monte Horebe.

Desta forma, o cunho metodológico desta pesquisa foi orientado sob uma perspectiva qualitativa de produção e análise de dados, o que implicou, a saber, o contato direto do observador, com a situação estudada, enfatizando mais o processo, do que simplesmente um produto. Sob essa ótica, a conveniência de se estabelecer uma pesquisa de cunho qualitativo reside nas possibilidades de mergulhar na espacialidade protestante que se cristaliza através da peregrinação ao Monte Horebe, tal assertiva reside no que Minayo (2003) expõe ao afirmar que há grande importância na contribuição desse tipo de pesquisa para as Ciências Sociais:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não se pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos, e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (Minayo, 2003, p. 21).

Em consonância a isto, de acordo com Gil (2002, p.54), esse tipo de pesquisa é relevante, a partir do momento em que se possibilita um “[...] estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira a permitir seu amplo e detalhado conhecimento [...]”. Tal concepção permitiu a essa pesquisa, trabalhar sobre o escolhido universo de significados, motivos, crenças, valores e atitudes, e confirmou nossa assertiva quanto à escolha metodológica de pesquisa, deveras suficiente a servir de suporte ao estudo de caso sobre o processo de territorialização do sagrado no Parque Morro da Gamela.

Dentre os propósitos da pesquisa explicitados por Gil, percebe-se que alguns são particularmente convergentes com o propósito dessa pesquisa, a exemplo três deles que são: I) Explorar situações da vida real, cujos limites não estão claramente definidos; II) Descrever a situação do contexto em que está sendo feita a investigação; III) Formular hipóteses ou desenvolver teorias.

Definido então de maneira a dar inteligibilidade com razoável elucidação do que se pretende estudar, e depois de ter estabelecido os elementos fundamentais sobre o tema pesquisado, apresentamos o assunto abordado, explicitando o conjunto de procedimentos metodológicos adotados para atingir os objetivos propostos e responder, de maneira suficientemente clara, as questões levantadas.

Portanto, tais escritos que aqui são apresentados estão dispostos sob o alento de saber que, as respostas e resultados obtidos são interpretações da realidade estudada que se baseia em um arcabouço teórico-metodológico, que está passível a novas leituras e novas interpretações, consoante com a afirmação de Relph (1979, p.5), “Uma interpretação é, claro, sempre aberta a reinterpretção à medida que surjam novos esclarecimentos, ou que novas evidências se tornem disponíveis”.

Assim sendo, na tentativa de tornar esta pesquisa relevante e representativa além de significativa, para a Geografia, foram utilizados os procedimentos descritos a seguir tais como: I) Levantamento Bibliográfico e Documental; II) Trabalhos de pesquisa direta no campo (visitas periódicas ao Parque Municipal III) Morro da Gamela, participação do processo de manifestação do sagrado, observação e aplicação de questionários e entrevistas); Tabulação de dados e análise dos resultados.

A pesquisa de campo foi fundamental para produzir dados primários para a pesquisa, o que favoreceu a compreensão e interpretação das vivências religiosas dos peregrinos, além das transformações materiais ocorridas no entorno e no local estudado. Além disso, possibilitou também, trazer subsídios significativos para o esclarecimento da problemática, no que tange o trabalho de pesquisa direto no campo, sendo essa uma prática muito importante para possibilitar maior inteligibilidade da realidade estudada já que os dados secundários sobre o processo de manifestação de sagrado no território do Monte Horebe são escassos.

O MONTE HOREBE, CONFLUÊNCIA DE VISITANTES E A TRANSFIGURAÇÃO EM ESPAÇO SAGRADO

Dada a incessante visitação ao longo do dia por peregrinos, é importante salientarmos que se tornou muito relevante lançar o olhar para esses visitantes e traçar, de forma simplificada nesse primeiro momento, o perfil dessas pessoas, quanto às informações referentes à idade e o sexo, que delinea a princípio o “público” que visita o Parque Municipal Morro da Gamela, tais respostas em um simples questionário se mostram insuficientes para explicar o motivo das intensas visitas ao referido espaço.

Entretanto, foi perceptível certa resistência por parte dos entrevistados, muitos deles mostravam-se receosos com nossas abordagens, pois, imaginavam que se tratava de algum ato de fiscalização municipal que tivesse como objetivo proibir as peregrinações ao Monte Horebe. Tais temores justificam-se pelo fato de que devido à pandemia do novo *coronavírus*, que impôs o isolamento social, e conseqüentemente o fechamento dos templos religiosos, restou apenas o Monte Horebe como espaço possível para a realização de cultos.



Figura 2 - Grupo religioso se reunido para a prática de hierofania. Sathler, 2020.

Ao longo do dia, do mês, do ano, há um quantitativo de peregrinos que varia, durante o horário do almoço, no intervalo do trabalho, após o trabalho, nos finais de semana, em dias de semana, sozinhos ou acompanhados em pequenos grupos, por vezes reunidos em quantitativo de três ou mais pessoas, começam a mostrar durante as primeiras incursões a dualidade Sagrado x Profano.

Inicialmente, o gráfico representando a idade dos entrevistados (ver gráfico 1) se mostra bem heterogêneo, demonstrando que o referido Parque Municipal recebe um público que varia bastante a faixa etária¹, nesse sentido, mesmo com uma variação de altimetria não tão elevada, sua morfologia acidentada não são fatores impeditivos para que pessoas com idade acima dos 60 anos visitem o espaço, contudo observou-se que o público está entre pessoas com idade de 18 a 64 anos ou mais.

1 Errata, no gráfico as idades referentes aos entrevistados, não foi assinalado nenhum peregrino com faixa etária entre 55 e 59 anos, por outro lado foi assinalado o quantitativo de (dois) peregrino (a)s com faixa etária entre 60 a 64 e, o quantitativo de 1(um) peregrino com faixa etária de 64 anos ou mais, correspondendo então a 2,2% e 1.1% do total de entrevistados.

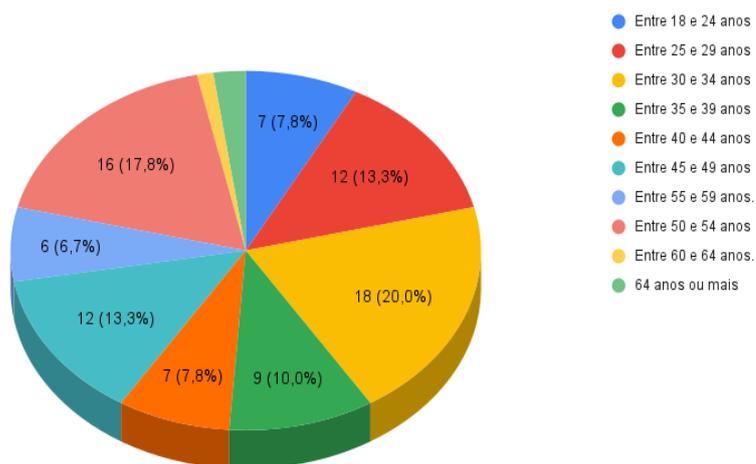


Gráfico 1 -Erro! Indicador não definido. **Faixa etária dos entrevistados. Sathler, 2020.**

Ainda na exposição dos dados captados através do questionário referentes ao perfil etnográfico das pessoas que peregrinam ao referido recorte da pesquisa, no campo sexo, observou-se a preponderância de pessoas do sexo feminino em relação ao masculino (ver gráfico 2), o que denota as transformações ocorridas no neopentecostalismo, que tradicionalmente nas relações de gênero, em especial as igrejas neopentecostais, se caracterizam por uma leitura e interpretação fundamentalista e machista da bíblia.

Descrita a exemplo em I Timóteo 2: 11-12 "A mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição. Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio", também em 1º Coríntios 14:34-35 "As mulheres estejam caladas nas igrejas, porque lhes não é permitido falar". Esta visão machista é mais predominante no Brasil; talvez pela formação pentecostal sócio histórica predominar uma mentalidade de alienação política (Rolim Cartaxo, 1987, p. 46).

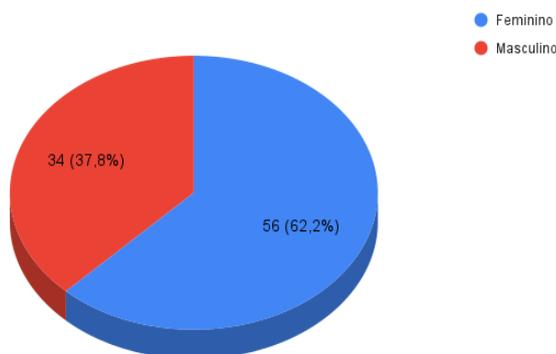


Gráfico 2 -Erro! Indicador não definido. **Sexo dos entrevistados. Sathler, 2020.**

Dessa forma e apoiado nesse tipo de retórica, as mulheres eram, e ainda são, impedidas em

algumas agremiações de serem pastoras, missionárias, evangelizadoras, no entanto, isso tem mudado, haja vista que, há uma franca renovação das gerações cristãs neopentecostais, no bojo da terceira onda pentecostal no Brasil, o que inclui renovação, a mudança do pensamento acerca das doutrinas, outrora restritivas quanto a vestimentas, a exemplo.

O MONTE HOREBE, DESTERRITORIALIZAÇÃO E A (RE) TERRITORIALIZAÇÃO NO ESPAÇO SAGRADO

De acordo com Rosendahl (2006) “As palavras religião, sagrado, peregrino, entre outras, não aparecem nos dicionários básicos de geografia, embora indiquem experiências humanas repletas de significados e de nítida dimensão espacial” (Rosendahl, 2006, p. 119).

A partir dos resultados obtidos inicialmente, ao aprofundarmos nesse segundo momento a análise do questionário e revisitarmos as anotações no caderno de campo, torna-se relevante trazer em voga a característica que começa a ganhar relevo entre os entrevistados, que ao visitar o Parque Municipal Morro da Gamela, buscam sacralizá-lo transformando-o em Monte Horebe, tal ação de transformação é dotada de uma gama de significações geográficas e sociológicas que denotam temporalidades, que se apresentaram no passado e continuam a se apresentar no presente, a saber, os ditos de Zeny Rosendahl explicitam que as práticas de cultos serviam para unir os indivíduos ou a sociedade, nesta perspectiva, a religião permite que os seus seguidores compreendam o seu espaço do qual são pertencentes (Rosendahl, 1996).



Figura 3 - Grupo religioso em busca hierofania, através do círculo de oração. Sathler, 2020.

A partir desse pensamento de Rosendahl, fez-se necessário clarear como a ocupação daquele território foi se constituindo e se transformando em Espaço Sagrado para os peregrinos que dele

fazem uso e que nele frequentam, assim sendo, uma das mais intrigantes perguntas aplicadas foi de que forma estas pessoas conheceram e tiveram contato com o Monte Horebe, (ver gráfico 4).

Sobre a predominante forma de primeiro contato com o Monte Horebe explicitada pelo gráfico acima, um dos entrevistados ratifica que:

Comecei a frequentar por volta de 2010, fui convidado, não sabia, não conhecia o que se tratava antes de ir, antes de ser convidado, eu não fazia ideia que existia o espaço ali, comecei a frequentar com Roninho, pessoal da igreja, alguns conhecidos dele, pessoas em comum que tínhamos conhecimento. (Rodrigo, 2019).

64

Os resultados obtidos fornecem três indicativos (ver gráfico 3), o conhecimento do território por meio da própria família, por indicação de amigos e o conhecimento através da congregação e ou agremiação religiosa.

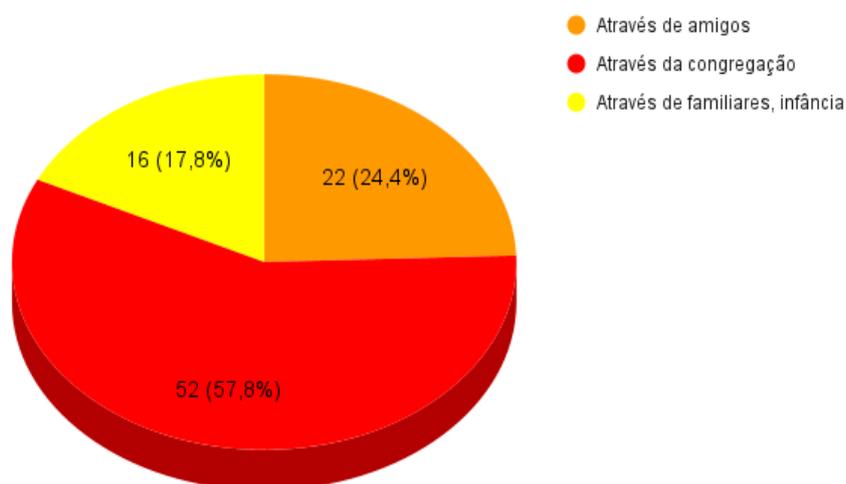


Gráfico 4 Erro! Indicador não definido.- **Por intermédio de quem conheceram e passaram a frequentar o Monte Horebe?. Sathler, 2020.**

Importante ressaltar que a preponderância de agremiações pentecostais vai de encontro ao pentecostalismo brasileiro que é dividido em três grandes fases (ou ondas). Tal movimento denominado pentecostalismo ou, neopentecostalismo no Brasil tem sido classificado utilizando as ideias de Paul Freston, e se têm usado a periodização das três ondas.

A primeira onda pentecostal registra a fundação e o surgimento da Congregação Cristã do Brasil e das Assembleias de Deus. A segunda onda pentecostal teve origem na década de 1950, e que se permeia e dá ênfase a cura divina e milagres, a terceira onda, iniciada na década de 70, une o poder clerical e o poder de disseminação das doutrinas através de grande espaço na mídia e suas ideias diferenciadas, com uma série de modificações da teologia pentecostal, dando início a formas de pentecostalismo conhecido com o nome de pentecostalismo brasileiro ou neopentecostalismo.

A Igreja Universal do Reino de Deus (1977), a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980), a Igreja Cristo Vive (1986), são expressões afirmadas do pentecostalismo brasileiro (Mariano, 2005). Não obstante, além disso, fornecem outro indicativo que reside no fator de que segundo Rosendahl e Correia (2006) se trata de uma forma de um grupo religioso controlar determinado território, desse modo:

Territorialidade religiosa, na abordagem da Geografia Cultural, significa o conjunto de práticas desenvolvidas por instituições ou grupos religiosos no sentido de controlar um dado território. É fortalecida pelas experiências religiosas coletivas e individuais que o grupo mantém no lugar sagrado e nos itinerários que constituem seu território. É uma ação para manter e legitimar a fé. (Rosendahl & Correia, 2006, p.7).

Assim, as peregrinações são confluências de territorialidades que se fundamentam nas bases da fé dos peregrinos que compartilham o mesmo Espaço Sagrado no Monte Horebe. Tais constatações reverberam sobre o que Haesbart e Bruce (2002) exortam na exposição dos conceitos de territorialização e desterritorialização e a resultante (re)territorialização, onde os agenciamentos coletivos de enunciação e maquínico dos corpos agem desde os cultos no templo e em suas práticas litúrgicas, perpassando na peregrinação e culminando por fim na (re)territorialização no Monte Horebe.

Desse modo, o poder que o sagrado passa a exercer sobre o espaço permitindo que as peregrinações sejam tomadas como trajetos nos quais pode ocorrer a manifestação do sagrado, haja vista que as peregrinações são deslocamentos que se faz a um local santo. Em seus estudos Rosendahl, destaca ainda que os indivíduos produzem a manifestação do sagrado como uma realidade para explicar-se e entender-se, e através de Halbwachs (1950), argumenta ainda que há uma similaridade com a necessidade do homem religioso de se movimentar num mundo sagrado:

Os lugares sagrados participam da estabilidade das coisas materiais e, somente ao se fixar sobre eles, confiná-los em seus limites e inclinando sua altitude à disposição deles, é que o pensamento coletivo do grupo de fiéis possui maiores chances de se imobilizar e de permanecer: é essa a melhor condição de memória coletiva religiosa. (Halbwachs, apud Rosendahl, 1996, pp.34-35).

Nesse sentido cabe ressaltar que a prática de peregrinar ao Monte Horebe, não reside nas liturgias ou em seus escritos sagrados como algo obrigatório, entretanto, na literatura cristã bíblica, é possível encontrar diversas passagens e recomendações a respeito do uso de lugares reservados, em geral, altos, pois tal elevação indica proximidade com o divino, e separação do Profano.

Esses ambientes proporcionam ao crente a certeza de que suas preces serão ouvidas e que sua oferta em forma de dedicação ao Sagrado alcançará uma recompensa, permitindo que seu corpo envolva-se à intimidade da sacralização. Nessa acepção, um dos entrevistados assegura o seguinte:

Para mim o monte horebe é um lugar muito especial, muito além de um aspecto físico, separado para oração, para busca, um lugar que ali cantamos louvores, um lugar que vamos muitas vezes sozinhos, lugar que vamos meditar mesmo, ler a palavra, enfim, o monte horebe é isso. O monte horebe bíblico era um lugar de servos destacáveis, subiam, oravam, e foi ali onde o Senhor se revelava também, então esse aspecto espiritual prolonga no tempo, e chega até nós hoje. (Vinicius, 2019).

Peregrinar ao referido recorte urbano a fim de buscar a manifestação do sagrado (hierofania), nos coloca na posição de reconhecer o Monte Horebe como um território especial, tal movimento humano dar-se-á das mais variadas formas e meios de transporte haja vista que os peregrinos se locomovem de diferentes municípios (ver gráfico 4).

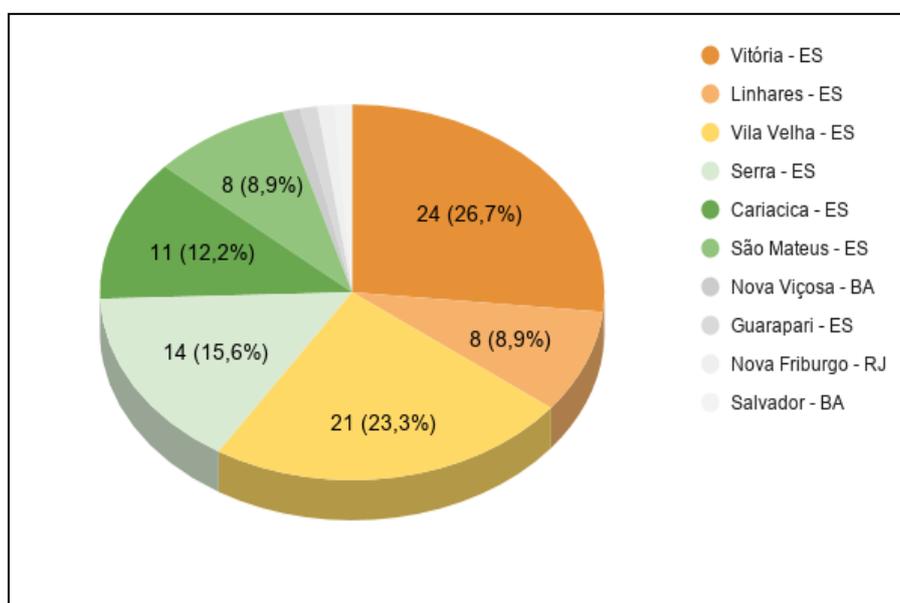


Gráfico 4 - Região de origem dos peregrinos. Sathler, 2020.

Assim, os municípios de origem dos peregrinos se expressam em sua maioria pelos municípios de Vitória, Vila Velha, Serra e Cariacica destacando também a participação em menor escala de peregrinos de municípios de São Mateus, Linhares e Guarapari bem como em menor número de outros estados, sobre a quantidade de crentes que frequentam o local e quais os seus locais de origem, Cristiano, um pastor que entrevistamos em 2019, afirma que:

[...] eu calculo mais de mil pessoas, porque mal o dia clareia e já tem gente subindo. Quando chove, diminui devido não ter cobertura e o receio de escorregar. Mas aqui vem irmão de tudo quanto é lugar, a pé, de bicicleta. Aqui esta numa boa localização, fácil acesso, não tem proibição, não é uma igreja em si que é dona, proprietária do monte, não é uma área particular [...] (Cristiano, 2019).

O fato é que a quantidade de peregrinos que chegam diariamente ao Monte Horebe é algo que chama nossa atenção. Quando perguntado sobre o número de pessoas que chegam ao local num

ato de peregrinação, um dos entrevistados que está, segundo ele, a seis meses acampado no local (ver figura 4), afirma que: *“Por dia, umas duas mil pessoas, às vezes vem 300 pessoas de uma mesma congregação, povo pentecostal avivado, a noite a busca é maior.”* (Israel, 2019).

O movimento de pessoas chegando e saindo realmente é constante e numeroso, em uma de nossas visitas a campo, iniciamos a subida até o cume com o dia ainda claro, por volta das 16hs de um sábado, durante o trajeto encontramos diversas pessoas caminhando em sentido contrário, descendo, entretanto, tanto atrás de nós quanto à nossa frente um grande grupo de pessoas também subia. Deixamos o cume por volta das 19hs e presenciamos dinâmica semelhante, ao passo que descíamos víamos muitas outras pessoas fazendo o mesmo, enquanto que, no sentido oposto, muita gente estava subindo.



Figura 4 - Acampamento instalado no Morro da Gamela a seis meses. Sathler, 2020.

Alguns dos peregrinos que chegam ao Morro da Gamela ascendem ao lugar com um intuito diferente da maioria dos crentes que costumam ir ao local, eles objetivam ficar acampados no Monte Horebe por algum tempo (ver figura 5), durante esse período não se dirigem às suas casas nem mesmo para realizar necessidades básicas de sobrevivência, como por exemplo, se alimentar.

Sobre essa permanência no Monte Horebe, Israel nos relatou o caso dele e nos detalhou a sua chegada, trouxe com ele apenas o “propósito”, ficar sem se alimentar e se aprofundar nas leituras bíblicas por alguns dias. Sem lugar para dormir, sem lugar para se abrigar seja do sol, seja da chuva: *“Quando cheguei ali no banco a 6 meses atrás (refere-se ao banco do estacionamento), deitei e comecei o propósito de 10 dias sem comer e sem beber, as pessoas passando aqui, acolá e eu quietinho no meu propósito, lendo bíblia [...]”*. Os objetivos do acampamento podem ser individuais, mas é possível observar também um interesse coletivo nesta prática conforme nos afirmou Israel

[...] eu vim em busca de salvação pelas almas, pela minha família, a minha história eclesial, pra saber do Senhor uma orientação[...].



Figura 5 - Peregrino acampado no Morro da Gamela. Sathler, 2020.

A chegada de peregrinos que tem como objetivo acampar no monte para a realização de um “propósito” nos pareceu ser algo que também acontece com frequência. Caminhando pelo local é possível visualizar barracas montadas e ocupadas por peregrinos. Um dos entrevistados, Filipe, de 25 anos, e que está no Monte Horebe, de acordo com ele, a cerca de três dias, chegou por ali sem portar objetos que poderiam auxiliar sua permanência no local de maneira minimamente confortável.



Figura 6 - Local onde o entrevistado Filipe costuma dormir. Sathler, 2020.

Ao questionarmos sobre onde ele dorme, ele nos respondeu que: “*Durmo nos bancos que os irmãos colocaram no espaço novo*” (ver figura 6), quando indagado sobre a alimentação e higiene pessoais diárias, ele nos esclareceu o seguinte:

Pra comer é prova, desço até a Marechal Campos ou Reta da Penha, porque minha mãe é domestica na Praia do Canto então ela deixa por volta de umas 17:00 horas, pra tomar banho desço no posto de combustível, encho os galões e subo novamente pra tomar banho aqui no monte mesmo. (Filipe, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A peregrinação religiosa nos montes, intensificada nestas últimas décadas no Brasil principalmente pelos neopentecostais, tem ampliado tanto em número de peregrinos quanto de denominações religiosas.

Entretanto, entendemos ser importante destacar o caso do Morro da Gamela. Ao tratarmos desse espaço da capital capixaba no âmbito acadêmico, objetivamos também, contribuir no processo de desenvolvimento da história dos lugares capixabas por meio da Geografia.

É provável que muitas pessoas sejam elas peregrinos cristãos, sejam elas frequentadores esporádicos do Parque Municipal Morro da Gamela/ Monte Horebe, acreditem que a as peregrinações cristãs até o lugar seja uma prática que se dá apenas a algumas décadas.

REFERÊNCIAS

- Bíblia português. (1995). *Bíblia de Estudo Pentecostal*. Edição rev. e corrigida. Rio de Janeiro: CPAD.
- Eliade, M. (2013). *O sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes.
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisas*. São Paulo: Atlas.
- Haesbaert e Glauco Bruce, R. (2009). A Desterritorialização na Obra de Deleuze e Guattari. *GEOgraphia*, 4(7), 7-22. <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2002.v4i7.a13419>
- Mariano, R. (1999). *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola.
- Minayo, M.C.S. (2003). *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Relph, E. (1979). As bases fenomenológicas da geografia. *Geografia*, 4 (7), 1-25.
- Rolim Cartaxo, F. (1987). *O que é Pentecostalismo*. São Paulo: Editora Brasilense.
- Rosendahl, Z. (1996). *Espaço e Religião: Uma abordagem Geográfica*. Rio de Janeiro: EdUERJ/NEPEC.

Rosendahl, Z. (2006). O sagrado e o espaço. In: Castro, I. E. de & Gomes, P.C. C. (Org.). *Explorações geográficas: percursos no fim do século*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Informações do Artigo / Article Information

Recebido em: 23/06/2022

Received on June 23th, 2022

Aprovado em: 11/07/2022

Accepted on July 11th, 2022

Publicado em: 30/08/2022

Published on August, 30th, 2022

Conflitos de Interesse: Os(as) autores(as) declararam não haver nenhum conflito de interesse referente a este artigo.

Conflict of Interest: None reported.

Avaliação do artigo: Artigo avaliado por pares.

Article Peer Review: Double review.

Agência de Fomento: Não tem.

Funding: No funding.

Como citar este artigo / How to cite this article

APA

Sathler, M. L. et al. (2022). Um estudo sobre a sacralidade: O Caso Monte Horebe (Morro Da Gamela). *Rev. Mult. Amapá - REMAP*, 2 (1), 57-70.

ABNT

SATHLER, M. L.; OLIVEIRA, E. R.; MOREIRA, H. L. Um estudo sobre a sacralidade: O Caso Monte Horebe (Morro Da Gamela). *Rev. Mult. Amapá - REMAP*, Macapá, v. 2, n.2, 2022.



Esta obra está licenciada com uma licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.